

Conceitos bakhtinianos na compreensão do texto literário: dialogismo e plurilinguismo como princípios de construção do sentido /

Conceptions bakhtiennes dans la compréhension du texte littéraire: dialogisme et plurilinguisme comme principes de construction du sens

*Otávia Pinheiro Pedrosa Fernandes**

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutora em Letras (concentração em Linguística) pela UFPE. Atua na área de Línguas Estrangeiras e Estudos Bakhtinianos.

 <http://orcid.org/0000-0003-4392-0002>

*Ricardo Rios Barreto Filho***

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Letras (concentração em Linguística) pela UFPE. Atua na área de Linguística Aplicada e Linguagem e Interação Social.

 <http://orcid.org/0000-0002-2895-2981>

Recebido em: 23 mai. 2022. **Aprovado** em: 30 jul. 2022.

Como citar este artigo:

FERNANDES, Otávia Pinheiro Pedrosa; BARRETO FILHO, Ricardo Rios. Conceitos bakhtinianos na compreensão do texto literário: dialogismo e plurilinguismo como princípios de construção do sentido. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 3, p. 97-109, out. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8152611>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo trazer ao leitor/professor dois conceitos bakhtinianos que podem contribuir na elaboração de atividades sobre a compreensão de textos literários, particularmente os chamados contos de fadas. Entendendo que a natureza da linguagem é social, Bakhtin revela que a construção e produção do sentido surge para sujeitos historicamente situados e envolvidos em relações discursivas. Assim, cada ato de fala é repleto de assimilações e reestruturações destas diversas vozes, ou seja, cada discurso é composto de vários discursos. Essas vozes dialogam dentro do discurso, não se tratando, apenas, de uma retomada. Esse diálogo é construído histórica e socialmente. A partir dele se dá a construção da consciência individual do falante. Só pensamos graças a um contato permanente com os pensamentos alheios, pensamentos estes expressos no enunciado. Dessa forma, a consciência individual é resultante de um diálogo interconsciências. Considerando-se esse aporte teórico, através de um estudo

*

 otavia.ppedrosa@ufpe.br

**

 ricardo.rios@ufpe.br

qualitativo, analisamos uma atividade, proposta pela TV5, sobre contos de fadas. Vimos que, quando o professor está atento à dialogia e ao plurilinguismo presente na interação atividade-professor-aluno, a compreensão literária pode ser mais prazerosa, rica e eficaz na sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Contos de fadas; Sentido; Bakhtin

RÉSUMÉ

Cet article vise à apporter au lecteur / enseignant deux conceptions bakhtiennes qui peuvent contribuer à l'élaboration d'activités sur la compréhension des textes littéraires, en particulier ceux qui sont appelés de contes de fée. Comprenant que la nature du langage est sociale, Bakhtine révèle que la construction et la production de sens surgissent pour des sujets historiquement situés et impliqués dans des relations discursives. Ainsi, chaque acte de parole est plein d'assimilations et de restructuration de ces multiples voix, donc chaque discours est composé de plusieurs discours. Ces voix dialoguent dans le discours, c'est-à-dire, elles ne s'agissent pas seulement d'une reprise de ce qui a été déjà dit. À partir de ce dialogue, lequel se construit historiquement et socialement, la conscience individuelle du locuteur se produit. C'est grâce à un contact permanent avec les pensées des autres que nous produisons les pensées exprimées dans nos énoncés. De cette manière, la conscience individuelle est le résultat d'un dialogue interconsciences. En considérant cet apport théorique, à travers une étude qualitative, nous avons analysé une activité, proposée par TV5 sur des contes de fées. Nous avons observé que lorsque l'enseignant est attentif au dialogisme et au plurilinguisme présents dans l'interaction activité-enseignant-élève, la compréhension littéraire peut être plus agréable, enrichissante et efficace en classe.

MOT-CLÉS: contes de fées; sens; Bakhtin

1 Introdução

Segundo Pinheiro-Mariz (2008), a leitura do texto literário melhora e amplia nossa percepção e conhecimento de mundo, além de estimular trocas culturais e o respeito ao outro. Porém, a autora nos alerta para as dificuldades de se trabalhar o texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (doravante FLE), atribuindo ao conhecimento da língua, à carga horária baixa e à desmotivação dos alunos diante desse assunto, seus principais entraves. A partir do que expõe Pinheiro-Mariz (2008), achamos oportuno nos questionar como nós, professores de Língua Estrangeira (doravante LE), podemos motivar nossos alunos a esse contexto pedagógico, apesar do pouco tempo disponível e das dificuldades com a língua alvo. Longe de oferecer, neste estudo, a solução definitiva das dificuldades acima apresentadas, tentaremos elucidar essa questão nos apoiando nas teorias do Círculo de Bakhtin.

Tendo a clareza da amplidão de suas teorias, limitamos nossa análise a dois conceitos: o de dialogismo e o de plurilinguismo. Assim, nosso principal objetivo é propor uma análise de uma fotografia, sugerida em uma atividade de FLE, com o objetivo de mostrar que é através da interação dialógica que nos reconhecemos enquanto sujeitos do mundo, pois, tomando uma concepção de dialogia como constitutiva da linguagem, acreditamos que a comunicação ultrapassa a simples transmissão de mensagens, assumindo, então, o sentido antropológico de processo pelo qual o homem se constitui enquanto consciência no auto-reconhecimento, pelo

reconhecimento do outro, numa relação de alteridade, ou seja, o eu se constitui pelo reconhecimento do tu. Assim, “eu me vejo e me reconheço através do outro” (BEZERRA, 2014, p.194). Nosso ponto de vista é que esse movimento na interação atividade-professor-aluno pode gerar motivação, abrindo horizontes e despertando o sujeito ao externo, ao diferente, àquilo que lhe é estranho.

Nosso objeto de análise foi inspirado pelo site *enseigner.tv5monde*, ligado à rede de televisão francesa TV5, cujo objetivo é propor atividades de ensino de FLE a partir das notícias que surgem no canal. As atividades deste site são direcionadas ao ensino de língua francesa, e todas elas possuem fichas explicativas para o professor. Dentre as atividades oferecidas pelo site, há uma que trabalha com os contos de Charles Perrault, Cinderela e Chapeuzinho Vermelho. Na explicação das atividades da ficha pedagógica, é proposto que o professor percorra algumas etapas, dentre elas, há uma em que se sugere que o aluno faça a transposição do conto para o século XXI, levando o aprendiz e o professor de FLE a uma página com fotografias do projeto *Fallen Princesses* da fotógrafa israelense, erradicada no Canadá, Dina Goldstein.

O projeto supracitado estabelece uma relação dialógica com os contos de fadas do passado. Várias personagens desse projeto são retratadas a partir de referências contemporâneas, por meio da abordagem de temas sociais, como distúrbios de imagem, a sobrecarga da mulher em relação à criação dos filhos, o câncer etc. Assim, percebemos que o tratamento dessas questões dialógicas pode contribuir para a utilização de textos literários - particularmente dos contos de fada - no ensino de LE.

De acordo com Meneghelli e Torres (2019), o contexto de produção de *Fallen Princesses* se deu quando a filha de Goldstein, então com três anos, era constantemente exposta às princesas dos filmes da Disney, no entanto a mãe da fotógrafa encontrava-se em tratamento contra o câncer. Assim, Goldstein refletiu em sua obra como as princesas e personagens dos contos poderiam enfrentar os problemas contemporâneos depois do felizes para sempre. Nosso artigo busca, portanto, refletir como as relações dialógicas entre os textos - uma imagem de Goldstein e um conto de fadas - pode fomentar discussões em salas da aula de FLE, considerando-se também a ficha pedagógica proposta pela TV 5.

Assim, levando em conta a riqueza da imagem proposta na atividade, a fim de dar conta de aspectos da teoria de Bakhtin, que pressupõe que a linguagem é o lugar de manifestação ideológica, identificamo-nos ainda com a perspectiva trazida por Freitas (2002), que propõe uma abordagem de pesquisa qualitativa com enfoque sócio-histórico. Desse modo, “devemos

considerar que todo conhecimento é construído na inter-relação entre indivíduos, sendo a produção de conhecimento um processo socialmente compartilhado, implicando o desenvolvimento mútuo” (FERNANDES, 2021, p.79).

Dessa maneira, nesse artigo, primeiramente trazemos uma seção acerca dos conceitos bakhtinianos de linguagem, dialogia e plurilinguismo, e posteriormente ilustramos como a percepção desses conceitos pode enriquecer o trabalho com o texto literário na sala de aula de FLE. Decerto, aqui não temos a intenção de solucionar os problemas trabalhados - o trato com o texto literário em aulas de francês - nem tão pouco oferecer indicações didáticas rígidas que devem ser replicadas pelos professores. Contudo, trazemos uma análise exploratória que pode ampliar o trabalho com os contos de fadas em salas de aula de FLE.

2 O Círculo de Bakhtin e a concepção de linguagem

Conforme já afirmado anteriormente, utilizamos como suporte teórico a Análise Dialógica do Discurso. Essa teoria surgiu a partir das discussões do conhecido Círculo de Bakhtin. Essa expressão é utilizada porque, para além do pensador Mikhail Bakhtin (1895-1975), as formulações e as obras são produto de reflexão de um grupo que tinha a participação de diversos outros intelectuais que refutavam a ideia de língua como reflexo do mundo e propunham que a relação sócio-histórica e dialógica entre os sujeitos era a base do processo de formação do discurso, priorizando a intersubjetividade em detrimento da representação objetiva da realidade. No centro das reflexões do Círculo, alguns conceitos como o de interação verbal, dialogismo, plurilinguismo, enunciado concreto, signo ideológico são considerados fundamentais, pois sobre esses conceitos se ergue a concepção de linguagem do Círculo (MOLON; VIANNA, 2012, p. 146).

Bakhtin e seu Círculo dialogaram com as principais correntes de pensamento de seu tempo, porém travaram um grande embate com o formalismo da época, fazendo surgir uma nova disciplina: a metalinguística, que deveria tratar da língua em sua integridade concreta e viva, ultrapassando o estudo das relações entre elementos isolados no sistema linguístico, trazendo para os estudos linguísticos uma nova perspectiva, um novo ângulo de visão para a análise e estudo de seu complexo objeto: o discurso. Sobre isso, Bakhtin ressaltou:

A linguística conhece, evidentemente, a forma composicional do “discurso dialógico” e estuda as suas particularidades sintáticas léxico-semânticas. Mas ela as estuda enquanto fenômenos puramente

linguísticos, ou seja, no plano da língua, e não pode abordar, em hipótese alguma, a especificidade das relações dialógicas entre as réplicas. Por isso, ao estudar o “discurso dialógico”, a linguística deve aproveitar os resultados da metalinguística. (BAKHTIN, 2013, p.209)

Bakhtin e o Círculo viam a língua sofrer influências do contexto social, da ideologia dominante e da luta de classes. Por isso, ela era ao mesmo tempo produto e produtora de ideologias. Seus pensamentos e concepções até hoje são amplamente emprestados às diversas áreas do saber e sua abrangência teórica ultrapassa o campo da Crítica Literária e da Linguística, apontando perspectivas inovadoras também na Psicologia, Filosofia, Sociologia, História etc. Considerando que os estudos linguísticos atuais veem a linguagem como prática discursiva, as concepções teóricas do Círculo são constantemente revisitadas. Segundo Brait (2012), embora o legado do Círculo bakhtiniano não tenha proposição formal de uma teoria ou modelo de análise, é possível encontrar a motivação para a criação de uma teoria/análise dialógica do discurso, apoiando-se em suas próprias concepções basilares de linguagem, suas noções de construção e produção de sentidos que são inseparáveis dos sujeitos historicamente situados e envolvidos em relações discursivas, ressaltando a natureza social da linguagem.

O Círculo defende, portanto, o estudo da linguagem a partir da enunciação, para que nela se incorpore sua realidade concreta de acontecimento histórico, intersubjetivo e, portanto, dialógico. O dialogismo e o plurilinguismo emergem, assim, como fundamentos que perpassam todas as noções bakhtinianas e que instauram uma contínua comunicação com o outro.

O conceito de dialogismo está embasado no pressuposto de que todo enunciado existe, necessariamente, em relação, ou para relação de outros enunciados. Para o Círculo, a língua é constituída substancialmente pela interação verbal e todo enunciado pertence a uma corrente sociocultural e tem uma dimensão axiológico-social em sua significação.

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor:

se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em posição superior ou inferior em relação ao interlocutor, em termos hierárquicos, se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado, pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco no figurado. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2017, p. 204).

Por se tratar de um fenômeno que vai além do diálogo e das formas de uma língua, o dialogismo traz o inacabamento da linguagem como característica constitutiva. Na comunicação discursiva, pensada pelo Círculo, há um redizer, que seleciona e dá novos tons àquilo que já se ouviu, tendo sempre em vista a resposta futura, ainda que esta não apareça. Desse modo, trabalhar um tema universal em sala de LE, estimula o interesse e coloca o aluno em uma situação responsiva.

Assim, a dinâmica do enunciado no tempo presente é manifesto na resposta, na réplica, na pergunta responsiva, na crítica, na adesão e possivelmente de outras maneiras, uma vez que ele é perpassado por diversos discursos de outrem que já falaram sobre ele, sendo, portanto, penetrado por avaliações, entonações e pontos de vista “alheios”.

Nesse sentido, o Ponto De Vista (PDV) é dinâmico e contingente, comporta movimentos e modificações, pode ser objeto de reavaliações, reacentuações, pode ser corrigido por outro em razão do lugar, do que se considera principal ou secundário. Por outro lado, pode se ter uma constância, ser compatível com um outro ou impedir de se ter um outro. (CUNHA, 2012, p.15).

Na concepção de dialogia como constitutiva da linguagem, a comunicação ultrapassa a simples transmissão de mensagens, assumindo, então, o sentido antropológico de processo pelo qual o homem se constitui enquanto consciência no auto-reconhecimento, pelo reconhecimento do outro, numa relação de alteridade - o eu se constitui pelo reconhecimento do tu. Assim, “eu vejo e me reconheço através do outro” (BEZERRA, 2014, p.194). Nossas consciências, pela convivência e pela interação, representam um determinado universo, sendo marcadas pelas suas peculiaridades. A consciência do sujeito é a consciência do outro, pois está sempre aberta à interação com outras consciências e é só nessa interação que ele se revela e mantém sua individualidade. Essas consciências ou vozes sociais são plurais e integram o espaço enunciativo-discursivo.

A compreensão de um signo se dá na sua aproximação com outros signos já conhecidos e essa corrente ideológica se manifesta na consciência individual de cada sujeito. Para o Círculo, a consciência individual é elemento ativo, possibilitado a partir do histórico sociocultural do sujeito, de como ele é constituído pelo outro, e também de como ele é sujeito responsável de seus atos/ações/discursos. Dessa maneira, compreendendo-se o caráter socioideológico da consciência individual e, conseqüentemente, dos signos que a compõem, é possível reconhecer que, para que haja a compreensão de discursos entre dois indivíduos, não basta que eles se apresentem cara a cara; é fundamental que eles compartilhem conhecimentos, que estejam organizados socialmente, de modo que dominem um mesmo sistema de signos.

Portanto, cada ato de enunciação é concebido como composto por diversas vozes. Assim, cada ato de fala é repleto de assimilações e reestruturações destas diversas vozes, ou seja, cada discurso é composto de vários discursos. Para Bakhtin (2011, p.300), “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas”. Essa pluralidade de vozes, plurilinguismo ou polifonia, dialoga dentro do discurso, não se tratando, apenas, de uma retomada. Esse diálogo é construído histórica e socialmente. A partir dele se dá a construção da consciência individual do falante. Só pensamos graças a um contato permanente com os pensamentos alheios, pensamentos estes expressos no enunciado.

3 Análise da imagem

Como já explicamos na introdução, nosso objeto de análise pertence ao site [enseigner.tv5monde](http://enseigner.tv5monde.com), ligado à rede de televisão francesa TV5, cujo objetivo é propor atividades de ensino e aprendizagem de FLE a partir das notícias que surgem no canal. As atividades deste site são direcionadas aos professores de língua francesa, e todas elas possuem fichas explicativas. Dentre as atividades oferecidas pelo site, há uma que trabalha com contos de Charles Perrault¹. Na explicação dessa atividade é proposto que o professor percorra algumas etapas, dentre elas, há uma em que sugere-se que ele transponha os contos da Cinderela e Chapeuzinho Vermelho ao Séc. XXI, por meio das fotografias do projeto *Fallen Princesses* de Dina Goldstein que se referem a esses contos.

Para ilustrar o nosso ponto de vista, elegemos a fotografia *Snowy* (Figura 1), que se refere ao conto de fadas *Branca de Neve e os Sete Anões*, que foi primeiramente registrado pelos Irmãos Grimm. Os contos de fadas “desenvolvem-se na magia feérica com reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, bruxas gigantes, anões. Sua problemática motriz é um problema existencial; a realização do herói ou da heroína, que está ligada à união homem-mulher.” (REIS, 2011 p 101). Conforme destacam Barreto Filho e Araújo, “desde crianças, somos estimulados a ler e ouvir contos de fadas” (BARRETO FILHO; ARAÚJO, 2011, p. 275). No entanto, raramente, enquanto crianças, somos expostos aos textos originais, pois o contato com os contos de fadas se dá

¹ Disponível no link: <https://enseigner.tv5monde.com/fiches-pedagogiques-fle/les-contes-de-charles-perrault>

normalmente a partir de adaptações. A Disney se destaca nesse quadro por produzir filmes que são sucessos de bilheteria e estão frequentemente associados ao universo infantil.

O filme *Branca de Neve e os sete anões* de 1937 foi o primeiro longa-metragem de animação da Disney e alcançou altos números de bilheteria, tendo rendido também um prêmio honorário do Oscar a Walt Disney pela sua produção. Reis (2011) explica que

Os contos de fada encantam e têm um viés estético e ético porque expressam aspectos que caracterizam todos os seres humanos, inclusive toda uma exibição de emoções que podem despertar sentimentos de interesse, surpresa e suspense. É a literatura lidando com todas as experiências da vida diária - amor e ódio, morte e vida, o eu e os outros, a cultura e a história, guerra e paz. (REIS, 2011, p. 103)

Considerando-se a circulação desse gênero, julgamos que os contos de fada podem ser boas estratégias para o trabalho didático, uma vez que são populares e podem ser relacionados à vida dos aprendizes. Além disso, defendemos que é preciso pensar num processo de leitura embasado na compreensão ativa e responsiva (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2017), ou seja, imbricada à leitura ativa dos signos ideológicos. Conforme explicam Becker e Barreto Filho (2022), “dentro da perspectiva bakhtiniana de compreensão responsiva, qualquer compreensão real traz como ato inerente não apenas o reconhecimento linguístico ou a identificação das palavras [...], mas também e principalmente a *responsabilidade*, a réplica carregada de juízo de valor de cada sujeito.” (BECKER; BARRETO FILHO, 2022, p. 38).

Assim, há que se reconhecer, além dos recursos semióticos empregues nos textos verbais ou não verbais, o contexto social e cultural a que eles fazem referência, bem como o acento valorativo envolvido na interação. Do ponto de vista do ensino, as atividades idealmente devem ir além do reconhecimento de palavras, frases e sentenças, devem também investir nas relações dialógicas que o texto mantém com o já dito.

A Figura 1, a seguir, pertence ao acervo de Dina Goldstein, fotógrafa israelense, erradicada no Canadá, que, em 2014, ganhou o Prêmio Virgínia (Premiação que acontece a cada dois anos e cujo objetivo é homenagear fotógrafas mulheres) pelo projeto *Fallen Princesses* que, segundo a própria artista, nasceu em resposta à clássica expressão “*foram felizes para sempre*” (MENEGUELLI; TORRES, 2019).

Sabemos que os mais de cem anos de luta pela emancipação das mulheres trouxeram muitas conquistas – direito ao voto, divórcio, acesso à universidade e ao mercado de trabalho –,

mas, em muitas sociedades, ainda existem desigualdade e discriminação, o que faz com que esse tema seja universal. O fato de Soizic Ramanjohary, autor da ficha pedagógica, ao trabalhar contos de fada, sugerir ao professor uma transposição para o século XXI, e trazer o projeto de Goldstein, cujo tema perpassa várias culturas, revela que ele objetiva dialogar com a “realidade preexistente de outras atitudes culturais” (BAKHTIN, 2011, p. 31), pois, acreditamos que apenas compreendemos nossa cultura através da linguagem e para isso precisamos conhecer nossa história que nos é revelada na e pela linguagem.

A fotografia representa a vida de uma princesa no século XXI, mostrando-a após o “foram felizes para sempre”, pois, como em outros contos de princesa, a conclusão narrativa acontece normalmente com o encontro dela com seu príncipe encantado. Isso acaba forjando em várias gerações de mulheres, a ideia de que este encontro é a garantia de sua felicidade. Para demonstrar que este desfecho nem sempre é o retrato da realidade que muitas mulheres, em diferentes culturas, vivem, a fotógrafa tenta dramatizar ao máximo a cena, revelando por meio de poses e fantasias, um príncipe ausente e uma princesa sobrecarregada com a maternidade.

Figura 1: Snowy, 2008²



Fonte: Site de Dina Goldstein. Disponível em: <https://www.dinagoldstein.com/>

A fotografia escancara uma clara referência aos filmes da Disney, haja vista as vestimentas das personagens. A Branca de Neve e o príncipe trajam roupas semelhantes às utilizadas na animação, apresentando assim uma relação dialógica clara entre o discurso dos contos dos Irmãos Grimm, a animação da década de 30 e os problemas sociais encarados na

² Agradecemos a Dina Goldstein por gentilmente ter nos concedido a permissão para o uso da imagem de sua autoria para fins acadêmicos, neste artigo.

contemporaneidade. Goldstein, no entanto, não nos apresenta uma representação neutra dos discursos com os quais dialoga. Pelo contrário, na fotografia vemos sua apreciação valorativa da realidade.

A expressão facial da Branca de Neve demonstra cansaço e seriedade. As crianças aparecem como responsabilidade da mãe, que tem duas no colo, outra puxando a barra de sua saia e uma outra atrás sem supervisão. As múltiplas tarefas da personagem feminina contrastam com o personagem masculino, o herói. Ele aparece inerte sentado no sofá, assistindo à televisão e segurando um copo de bebida.

Os elementos imagéticos organizados por Goldstein apresentam um valor apreciativo que coloca à prova os ideais da felicidade da vida a dois, trazidos em muitos contos de fada como o objetivo final da trama, o triunfo do herói e a salvação da princesa. Vemos que as relações dialógicas estabelecidas na fotografia em análise é o que cria a crítica social de forma irônica. Percebemos, assim, que a artista coloca em contato diferentes tipos de discurso - os contos de fada, a adaptação da Disney e os problemas sociais contemporâneos - fazendo o que pode ser reconhecido como Plurilinguismo ou Heterodiscurso no pensamento bakhtiniano (BAKHTIN, 1998).

Ao trazer para a sala de aula essa imagem, o professor de LE precisa retomar o universo dos contos de fadas e, através da imagem, fomentar discussão sobre uma vida com um príncipe diferente do que os contos de princesa passam para gerações, trazendo ao contexto social de seus alunos um embate, fazendo com que esta atividade os coloque em uma posição responsiva, dando a cada ato de fala assimilações e reestruturações às diversas vozes, uma vez que cada discurso é composto de vários discursos. Para Bakhtin (2011, p.300) “O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas”. Ao professor é dado, assim, a oportunidade de envolver seus alunos no sentido mais profundo dos contos de fadas e trabalhando suas implicações em várias sociedades e gerações. Isso proporciona, para além do ensino da língua, a oportunidade de se constituir enquanto consciência no auto-reconhecimento, pelo reconhecimento do outro, numa relação de alteridade, uma vez que, como já vimos, o eu se constitui pelo reconhecimento do tu.

Considerações finais

A partir de questões sobre como motivar alunos de LE em aulas sobre textos literários, este artigo se propôs a trazer conceitos de Bakhtin para servir de reflexão ao leitor-professor no momento de preparação de sua aula. Não tivemos a intenção de solucionar o problema levantado - o trato com o texto literário em aulas de LE - tão pouco oferecer indicações didáticas rígidas que devem ser replicadas pelos professores. Trouxemos uma análise exploratória a fim de ampliar o trabalho com o tema em salas de aula de LE, entendendo que a linguagem é o lugar de manifestação ideológica. Defendemos que esse movimento dialógico na interação atividade-professor-aluno pode gerar motivação, abrindo horizontes e despertando o sujeito ao externo. Assim, consideramos que, através da transposição de um tema literário universal para o presente do aluno, por meio de uma fotografia, é possível situá-lo enquanto cidadão do mundo, interpelado pela pluralidade de vozes que atravessam o tempo e o espaço. O aprendiz, dessa maneira, é capaz de assumir uma atitude responsiva, aderindo criticamente aos discursos que já foram falados, sendo, portanto, penetrado por avaliações, entonações e pontos de vista “alheios”. Como bem frisou Bakhtin (1998, p. 88), “[...] apenas o Adão mítico, que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto.” Destarte, entendemos que trazer subsídios para provocar reflexões/discussões que transpassam o texto literário, como vimos, pode ajudar a motivar alunos de LE a participar da aula, pois, conforme destaca Bakhtin (2011), viver é assumir uma posição avaliativa a cada momento; é posicionar-se com respeito a valores.

CRedit

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: FERNANDES, Otávia Pedrosa Pinheiro.

Conceitualização, Curadoria de dados, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: FILHO, Ricardo Rios Barreto.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*; trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.
- BAKHTIN, M. *Questão de literatura e de estética: a teoria do romance*. Vários tradutores. 4º ed. São Paulo: Editora Unesp-Hucitec, 1998.
- BAKHTIN, M. VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2017.
- BARRETO FILHO, R. R.; ARAÚJO, R. Rumpelstiltskin: uma abordagem estrutural. In: LIMA, A. (org). *Reinações da Literatura infantil e juvenil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.
- BECKER, M. L.; BARRETO FILHO, R. R. Compreensão. In: PEREIRA, S. V. M (org.); RODRIGUES, S. G. C (org.). *Diálogos em verbetes: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. Editora Contexto, 2012.
- CUNHA, D. A. C. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. *Revista Investigações*, 25(2), 21-41, 2012.
- FERNANDES, O. P. P. *Percepções de discentes de Língua Francesa sobre a escolha da profissão: um estudo dialógico do discurso*. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.
- FREITAS, M. T. D. A. *A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa*. *Cadernos de pesquisa*, (116), 21-39, 2002.
- MENEGHELLI, D; TORRES, D R. *A Desconstrução da Imagem das Princesas Disney na Obra Fotográfica Digital Fallen Princesses de Dina Goldstein*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 24., 2019, Vitória. XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Vitória: Intercom, 2019. p. 1-13.
- MOLON, N. D.; VIANNA, R. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, 7(2), 142-165, 2012.
- PINHEIRO-MARIZ, J. *Reflexões a respeito da abordagem do texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE)*. *Eutomia*, 1(02), 2008.
- REIS, S. C. Era uma vez... um lugar muito distante de onde vieram as fadas. In: LIMA, A. (org). *Reinações da Literatura infantil e juvenil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.